Sonho Fatal

A maldição

Sonho Fatal

A maldição

Filipa A. Rodrigues

Autor: Filipa Rodrigues
Design da capa: Imagem do Google. Edição Filipa Rodrigues
ISBN: 9789403650708
© <Filipa Rodrigues>

Dedico este livro, a todos os que amam a literatura, tal como eu, e assim digo-vos, levantem-se e persigam os vossos sonhos, pois apenas assim, conseguirão alcançar a verdadeira felicidade.

Apesar de ser um livro de fantasia, num mundo de vampiros, lobisomens e bruxas, onde o folclore foi uma fonte de inspiração, este manuscrito foi elaborado durante uma fase muito escura da minha adolescência e foi através da sua escrita que consegui superar muita dor. Para muitos será apenas um livro, mas para mim, será sempre uma parte de mim, mesmo com as suas imperfeições.

Capítulo 1

Numa tarde de novembro de 2012, no Campo Grande, em Lisboa, onde uma variedade de transportes se cruza, dois jovens aperceberam-se estarem perante a sua cara-metade logo no instante em que se conheceram. Em apenas segundos decoraram cada traço da face um do outro.

Ele tinha 17 anos, alto, com 1,72 cm. Lábios grossos e carnudos, a sua pele morena, olhos castanhos amendoados com longas pestanas, estes tinham um brilho único e irresistível. O seu cabelo era encaracolado, caracóis perfeitos num castanho-escuro, quase preto, o seu nome, João Filipe Monteiro.

Tudo começou quando ele saiu numa tarde de inverno, com o seu melhor amigo Cláudio e, sendo eles, um dos raros exemplos

ainda existentes de cavalheirismo, acompanharam a sua melhor amiga Susana, para o local de encontro com Filipa, uma amiga de infância.

Rapidamente ela passou a ser a menina dos seus olhos. Pequenina, com os seus 16 anos, olhos castanhos, cabelo num tom dourado e liso. O seu sorriso hipnotizou-o instantaneamente. Ele fixou o seu olhar nas suas covas que reivindicavam as suas pálidas bochechas quando sorria. A sua pele, por natureza, era um pouco mais escura que a dele. No entanto, devido à depressão que sofria desde tenra idade, ela perdeu a sua cor. Estava branca e sem o seu brilho característico. Como era de esperar, devido à sua doença, ela estava sensível e muito triste. Em certas alturas até se poderia dizer que estava apavorada.

Apesar de tudo isso, ele achou-a uma excelente lutadora, aplicada naquilo que queria e também muito inteligente. O seu nome pouco tinha a ver com ela. Provindo do grego «Philippos» que significa “amiga dos cavalos”, o motivo da discrepância era simplesmente o ódio e repulsa que ela nutria por tal animal. O seu medo era estranho, quase como subconsciente, assim que via um, tapava os olhos para não o ver, e sempre que podia evitar, evitava-os, porém, o seu segundo nome, de acordo com João, era ela. Escolhido a dedo pelo destino. Sintetizava-a numa só palavra: guerreira. Alexandra, o seu segundo nome, significa: guerreira e defensora da humanidade. Muitos sabiam pelo que ela havia

passado, por isso, todos que tinham conhecimento do seu nome completo, e claro do seu significado, associavam-no logo a ela.

Susana saiu do autocarro seguida de Cláudio e de João, e mesmo à sua frente estava ela a cumprimentar os amigos. Ele ficou sem reação. Apenas pensava que de alguma maneira a conhecia. Quando foram apresentados, ambos ficaram parados, um à frente do outro durante 5 minutos, sem qualquer reação. Até que Susana se pronúncia:

— Esta é a Filipa que supostamente estava na nossa turma. Aquela que os professores chamam constantemente.

Com o tempo eles aproximaram-se muito e tornaram-se cúmplices um do outro. Apesar de se conhecerem recentemente, por muito que eles quisessem esconder estavam completamente apaixonados. Todos o viram, exceto eles próprios. Tal como eles pensavam, descobriram mais tarde que realmente já se haviam conhecido no ano anterior, como se fosse destino eles ficarem juntos, e seguindo os seus corações, começaram a namorar após um mês do seu primeiro encontro. Acontecimento que devolveu força ao coração de Filipa, que há muito desistira de bater.

João, não só lhe dera um motivo para viver como um motivo para sorrir, coisa que ela pouco conhecia. Devolvera-lhe a felicidade de uma maneira tão inesperada que ela praticamente se esquecera o porquê de tanto chorar, o porquê de ter tentado tanta vez desaparecer deste mundo, simplesmente esquecera os “porquês” da sua tristeza. Ele devolvera-lhe o brilho e cor que há muito ela perdeu. Juntos lutaram pelos seus sonhos de há muito esquecidos.

O sonho de João, era ser chef de cozinha, talvez até ser reconhecido mundialmente, porém o seu medo de não conseguir apoderava-se dele, até Filipa o convencer a tentar novamente. Tendo-o incentivado e apoiado até ao fim.

O sonho de Filipa era ser escritora, para ela a literatura era uma maneira de expressar os seus sentimentos, e mostrar ao mundo como via as coisas, tal como o João se sentia na cozinha. Ambos se motivaram reciprocamente até que finalmente decidiram seguir as suas carreiras de sonho.

Após dois anos de namoro e com o chegar da maioridade, decidiram que morar juntos seria o próximo passo. Estavam felizes. Nos seus corações tinham a certeza que ficariam juntos para sempre.

João candidatou-se a várias escolas de hotelaria, e Filipa estava

pronta para ingressar no ensino superior em jornalismo. Ela começou a trabalhar e a estudar à noite, para que João conseguisse estudar e focar-se na cozinha. Dois anos depois, já João trabalhava em tempo parcial num restaurante, mas ainda não recebera carta de destino de estágio para concluir assim os seus estudos.

Aquela espera que aos olhos de João parecia interminável, acabou pouco depois de a sua amada completar 20 anos.

Em agosto de 2016, recebeu a carta muito esperada, pensava ele. Contudo, para sua surpresa, a carta não era da escola que frequentou, mas sim de “cookery school”, uma das melhores escolas de hotelaria de Londres. A princípio ele não compreendera o porquê de ter recebido aquela carta. Ele sabia que não se candidatara a outra escola, muito menos para outro país, porém, depois de muito pensar, decidiu ver a agenda de Filipa. Ela era uma rapariga muito organizada e de certeza que teria lá algo anotado. E assim foi, ela fez uma surpresa e enviou currículos de João para ele poder estudar onde sempre desejou, no Reino Unido.

Ele sentou-se e refletiu sobre o assunto. Na sua cabeça e no seu coração decorriam um misto de emoções, sentimentos contraditórios que se apoderaram do seu raciocínio. Quando finalmente decidiu que teria de falar com ela para poder compreender aquilo tudo, ele ouve a porta da rua a fechar e a voz

de Filipa:

— Olá, amor! Estás em casa?

— Estou no quarto. Precisamos de falar. — Responde ele num tom um pouco magoado com a atitude da namorada.

— Sobre o quê?

— Por que é que o fizeste? Não compreendo…Diz-me, por quê? Já não me amas? Não me queres ao teu lado? É isso?

— Tem calma, é claro que te amo. Tu sabes que apenas tenho olhos para ti, e também sabes que o que mais quero é estar ao teu lado e passar a minha vida contigo. Podes explicar-me do que estás a falar, mas com calma, por favor?

— Por que é que envias-te candidaturas minhas para Londres? — Responde ele respirando fundo.

— Porque eu te amo e quero que sigas o teu sonho, e sei perfeitamente que aqui não o conseguirás seguir. Estás à espera que te chamem para estágio há meses, imagina para trabalhar? Quanto mais terás de esperar? Assim estudarás num local melhor, num sítio que tu adoras.

— Mas… Então e tu? Vens comigo, não vens?

— É complicado…

— Complicado por quê? Foste tu que me puseste nesta situação!

Tu sabes que eu te amo e que faço qualquer coisa por ti, e é a teu lado que quero ficar. — Diz João levantando-se de súbito da cadeira onde estava sentado, contendo as lágrimas para não chorar.

— Então, se fazes, aceita esta oportunidade única. O tempo também conta, tens 21 anos, concluíste agora um curso aqui e apesar de teres sido o melhor aluno do teu ano, ninguém te chamou ou aceitou para estágio, imagina para trabalho? Nessa escola, ensinam-te com os melhores professores, tens estágio garantido, e quem sabe se não tens emprego também? Acima de tudo eu amo-te e sinto que não serás feliz se não fizeres isto. Por favor, aceita…

— Mas vens… Não vens? — Pergunta já com as lágrimas a escorrerem-lhe pelo rosto.

— É complicado, porque eu não esperava que te chamassem tão cedo. Eu já estou no último ano do curso, tenho um emprego que consigo conciliar com as aulas, tenho a minha casa… Isto é o meu sonho João, não o teu e se te amo tenho que fazer isso por ti.

— O meu sonho não é apenas ser chef, é ser chef e ter-te ao meu lado. Constituir família, termos a nossa casa… Tu sabes amor… Tu és a minha rainha, não me faças isto, por favor…

— O meu também é ficar a teu lado…-Diz Filipa quase a chorar — Amas-me mesmo?-Acaba por perguntar ao fim de algum tempo.

— Claro que sim! Tu sabes bem que sim!

— Então vai! Quando puder irei ter contigo. Quando concluir o curso ou assim… -Filipa faz uma pausa para refletir um pouco — João, eu sei que parece injusto, mas tu sabes que eu não aguento relações à distância, por isso… — Diz ela começando a chorar.

— Não!-Grita João rompendo em lágrimas ao ter percebido o que ela queria dizer — Não me podes pedir isto! Foste tu que enviou as cartas! Eu não aguento uma coisa destas! Amo-te mais do que me amo a mim próprio! Por favor, não o digas!…

— Tem calma… -Diz Filipa chorando, mas mantendo a calma — o que eu ia dizer era para darmos um tempo enquanto estivermos nesta situação. O teu curso apenas começa em janeiro, até lá veremos o que fazer.

— Está bem…-Responde o João mais calmo. — mas a minha resposta não será diferente…

Durante os quatro meses que se seguiram eles tornaram-se cada vez mais próximos. No quarto mês, dezembro, eles fizeram quatro anos na antevéspera de Natal, dia 23. Sendo o último mês que iriam passar juntos antes da partida de João, decidiram passar a véspera de natal sozinhos. Porém, no dia de Natal foi cada um para as suas famílias.

Filipa tinha dois irmãos mais novos que conhecia, e um que

nunca viu em toda a sua vida, apesar de saber que ela existia. A irmã do meio, Sofia, na altura teria os seus 17 anos. Alta de cabelo negro, com caracóis perfeitos a caírem até ao nível do peito. Os seus olhos são de um castanho-esverdeado, contudo, apesar da sua beleza natural, tinha um feitio um pouco complicado, variando de amiga para inimiga numa questão de segundos.

Depois de Sofia era o seu irmãozinho Afonso, tinha 8 anos e tinha uma estrutura angelical. O seu cabelo era de um tom dourado, os seus olhos num castanho profundo… o que estragava tudo era a sua atitude, por vezes era um cavalheiro como a seguir se tornava idêntico ao seu pai. Uma besta, que por sua vez, este era o ex-companheiro da mãe de Filipa.

Constava que ela também tinha uma irmã, filha do seu pai, um ano mais velha que Afonso, mas nunca a conhecera. Pouco sabia daquela menina misteriosa. Apenas sabia o seu primeiro nome e a sua data de nascimento, o seu nome era Gabriela, possivelmente Gabriela Rodrigues. Tinha a informação que nascera a 30 de novembro de 2008.

O Natal era passado com os seus padrinhos, tios e primos, ou seja, uma autêntica confusão, desencadeada pela grande família e pela alegria e nostalgia da convivência entre todos.

A família de João já era diferente. Era apenas ele, o seu irmão mais velho Guilherme. Ele era alto, magro, branco que nem cal. Sempre de cabelo comprido, pelos ombros esticado e barba por fazer, podia-se dizer que era a preguiça personificada. Os seus pais, a sua mãe Estella que apesar da sua idade estava bem conservada, era baixa com 1,60, cabelo ruivo com olhos castanhos e usava óculos, sempre a acompanhar a moda. Ainda assim, o seu pai era a antítese da mãe. Rodrigo, seu pai, era alto, com barriga de saliente. Ele mantinha dois empregos: motorista de ambulâncias e mecânico. João só os tinha a eles e aos seus avós paternos. Eram apenas eles no Natal, o que normalmente era uma celebração, transformou-se abruptamente com a partida de João, todos estavam um pouco abatidos com a partida do membro mais novo da pequena família e passaram o dia a tentar esquecer o que iria acontecer.

O ano novo foi reservado para os amigos. Com o fim de ele se despedir, dado que a partida de João estava marcada para o dia 3 de janeiro. Nessa noite, com eles apenas estavam presentes os mais chegados, os seus melhores amigos Susana e Cláudio, com a sua namorada de há 3 anos Micaela e os seus grandes amigos Rui e Bruno. Eram apenas eles os sete, a passear pelas ruas noturnas e cheias de vida de Lisboa.

Apesar de toda aquela agitação, e de ser um dia de festa, Filipa sentia-se deprimida. Desde que tomara a decisão de deixar partir o seu amor, que ela lutava diariamente para não chorar, pelo menos

em público. Ela sabia que a escolha fora dela, ela sabia que seria o melhor para João poder concretizar o seu sonho, mas isso devastava-a por dentro…

Chegou o dia que ambos queriam afastar com toda a sua força. O dia em que se iriam separar. Aquele momento de despedida foi o mais duradouro e romântico que alguma vez eles tiveram. Ele não queria ir, ela não queria que ele fosse. Mas ambos sabiam que para a sua vida ser como sonhavam, aquele era um passo que eles tinham de dar. Ainda assim, mesmo percebendo isso, quando se separaram no aeroporto, sentiram como se alguém lhes tivesse arrancado um pedaço de si. Mantinham contacto, mas sempre com lágrimas a escorrerem pelas suas faces quando tinham que terminar a conversa. Mesmo sabendo que seria por pouco tempo, eles desejavam nunca ter feito aquela escolha, desejavam poder ter sido mais egoístas. Apesar da distância, aquele amor tão forte que eles tinham 4 anos antes não diminuiu, continuava tão ou ainda mais intenso do que era. Ainda assim os seus medos aumentavam de dia para dia, medo de o outro se voltar a apaixonar, medo do outro conhecer pessoas novas, o simples medo da perda. Apesar disso, o desejo era muito mais forte que os seus medos, o desejo de se voltarem a ver, de se voltarem a tocar… Era simplesmente doloroso, pois apesar de se amarem ainda teria que esperar alguns meses para se encontrarem novamente.

Apesar de ambos sofrerem com a distância, Filipa não a aguentava, por muito que tentasse esconder a sua mágoa e tentasse parecer indiferente com a separação significativa entre os dois. Quando estava sozinha chorava, como se alguém tivesse perecido. Bastava a sua mente saber que ela estava sozinha, estivesse onde estivesse, o seu coração apertava de tal maneira que as lágrimas começavam a escorrer-lhe pelo seu rosto. Ela queria estar com ele naquele ano de iniciação, naquele ano onde eles teriam certeza que o sonho de João começaria a evoluir. Aquele ano era importante para João e ela tinha plena consciência disso, mas o que não sabia é que aquele ano seria um ano de revelações.

Capítulo 2

Alguns meses mais tarde, subitamente e sem motivo racional algum, as taxas de mortalidade em todo o globo, atingiram níveis muito acima da média, aliás, até se poderia dizer que metade do planeta faleceu em apenas 6 ou 7 meses. Ninguém conseguia descobrir a causa, não sabiam se seria um vírus, uma bactéria ou simplesmente alguma reação a algo. As únicas informações que tinham era que as pessoas adormeciam e não voltavam a acordar, acabando por falecer de desidratação, numa questão de dias. As pessoas em pânico, começaram a ir somente a consultórios particulares, pois, começavam a acreditar que essa “epidemia” poderia ter tido início através dos hospitais públicos, assim como muitas outras doenças. Os ministérios da saúde de todo o mundo, tentaram de tudo. Desde a simples autópsia ao defunto até as

análises a todo o indivíduo que se queixava, porém, não encontravam sintomas que explicassem aquele surto de mortes em todo o globo. Começando a acreditar que apenas com o tempo é que se encontraria um elo comum entre os defuntos e os cidadãos. Começaram a obrigar todos os utentes a passar por um rastreio mensal para manter a calma entre as sociedades, poder ter constante equilíbrio das populações e esperança que apareça algum sintoma comum, para poder solucionar aquela catástrofe que assombrava todas as nações.

Em atos de desespero e sem indícios de abrandamento, os médicos juntaram-se a cientistas com esperança de encontrar uma causa para este surto. Estudaram livros de medicina e manuscritos antigos com o intuito de poder relacionar aquela epidemia com crises demográficas antigas, como, por exemplo, a peste-negra ou a gripe espanhola. Contudo, todas as tentativas eram em vão, pois pouco sabiam sobre os afetados e das causas das suas mortes. À medida que havia mais falhanços na tal procura, os médicos e cientistas juntaram-se a padres, bispos, pastores, sacerdotes, monges, de qualquer tipo de religião, pois para eles a fé parecia a única solução para os salvar naqueles meses de puro desespero.

Ao fim de 7 meses os índices haviam regressado ao normal. Após esse tempo começaram a aparecer relatos de pessoas que

afirmavam ver os seus entes queridos que faleceram durante a epidemia. Ninguém acreditou, muitos diziam ser loucura, outros, saudades, alguns que aquilo seria um reflexo do terror que haviam passado há relativamente pouco tempo. Porém, os especialistas afirmavam que aquilo seria um dos sintomas do "***Sonho Fatal"***. Como assim denominaram à doença que levou inúmeros cidadãos sem explicação durante o sono. Muitas pessoas enlouqueceram com medo de dormir, no entanto, continuavam a não conseguir explicar às comunidades e a eles próprios, se teria sido a ira de Deus, ou se tinha alguma explicação científica para tantos funerais.

Progressivamente, o gado começou a desaparecer. Os biólogos e zoólogos pensavam que os animais das florestas e bosques próximos também teriam sido atacados por tal epidemia. Que apenas há um mês tirara tantas vidas humanas, ficando eles assim sem comida e a serem obrigados a terem que se deslocar para as pequenas comunidades que existiam perto das áreas florestais. Os caçadores voluntariaram-se a ir à procura dos animais, pois se desconheciam as espécies, contudo sabiam que a qualquer momento a sua dieta poderia mudar e alimentarem-se de bípedes, como eles. Muitos dos homens voluntários, não voltavam para as suas casas, o que preocupou ainda mais os cidadãos. Este

efeito acontecia em todo o mundo. Não demorou muito para todo o planeta regredir, por alguma razão inexplicável, o ecossistema foi modificado. As grandes cidades como Nova York viraram praticamente ruínas, cheias de uma florestação súbita, e com ela o cheiro de carne pútrida e a sangue pairando no ar, instalando assim, definitivamente o pânico na comunidade humana.

No auge do inverno estes cheiros e desaparecimentos tornaram-se de tal maneira intensos que começaram a eleger biólogos para acompanharem pequenos pelotões, ou seja, militares, para averiguar o que se passava nas florestas, por uma razão incógnita estes também não regressavam a casa. Assim decidiram fechar por completo as matas e florestas, todavia nada conseguia acalmar as populações.

Depois dos desaparecimentos de gado nas áreas rurais, começaram a desaparecer crianças e por sua vez famílias inteiras, alastrando para as cidades. Iniciou-se com vagabundos, drogados, prostitutas, sempre em locais frios, húmidos e com pouca população. Drasticamente se descobriu o que era. Que os avistamentos dos entes queridos não eram invenções nem sintomas da doença tão temida pela humanidade. Ainda assim, os

governos e monarquias decidiram mutuamente ocultar a situação para não espalhar ainda mais pânico pelos seus países, ainda assim enviavam pequenas companhias militares secretamente colocadas, mas mal informadas do perigo oculto que iriam enfrentar e como consequência, houve inúmeras baixas. Ninguém tinha completamente a certeza do que se tratava, porque os governos insistiam em não divulgar.

Enquanto isso, em Portugal pouco se sabia o que se passava no resto do mundo, porém as áreas florestais foram interditas sem aviso.

Devido à enorme dívida que Portugal tinha a pagar à União Europeia, em consequência dos empréstimos efetuados apenas alguns anos atrás, e também para se poder estabelecer das mortes, não podiam enviar jornalistas para averiguar o resto do mundo para este tomar as devidas precauções. O governo decidiu fechar todas as fronteiras de Portugal, impedindo assim as migrações, tanto a entrada como a saída, apenas sobreviviam de mantimentos portugueses e espanhóis. Para os mais velhos compararam tal decisão com o período fascista a que Portugal sobreviveu.

Estavam impedidos de entrar em contacto com os restantes

países, talvez o governo tivesse pensado que isso seria o melhor, não instalaria a loucura e o pânico como acontecera na América e em algumas outras partes do mundo, porém o resultado foi exatamente o contrário.

Ninguém de maneira alguma se comunicava com o exterior: salas de conversação, redes sociais, blogues, toda a “internet” foi banida, comunicações telefónicas apenas para dentro do país, tal como as cartas. Estupidez do governo, pois, assim nem eles conseguiam comunicar com a UE, por um lado foi bom para o país, pois Portugal apesar de tudo, mantinha-se intacto, ao contrário do resto do mundo.

Capítulo 3

Filipa pouco se interessava pelo que quer que fosse, apenas pensava qual seria a razão para não conseguir falar com o seu namorado. Passou um ano e Filipa já tinha terminado os estudos, mas devido ao encerramento das fronteiras, ela não conseguia sair para se encontrar com João em Londres, como assim lhe tinha prometido.

Ela teve de continuar a trabalhar, para conseguir manter a casa. Trabalhava numa loja de roupa no Centro Comercial Colombo. Susana tinha emprego numa loja de coisas sobrenaturais

e algumas muito esquisitas. Também trabalhava no C. C. Colombo, no piso superior. Susana tinha aceite tal cargo para poder manter a Filipa controlada, pois, os seus amigos tinham medo que lhe acontecesse alguma coisa. Ela estava demasiado deprimida para conseguir comer, divertir-se ou fazer algo tão simples como rir-se de uma piada, nem ela própria sabia como conseguiu manter o trabalho com aquele aspeto. Estava magra, pálida e tinha voltado a adoecer severamente. O brilho que emitia um ano antes já tinha desaparecido há muito tempo.

Ela sabia que os seus amigos se preocupavam, ainda assim, Cláudio e a sua namorada Micaela estavam constantemente a ligar-lhe para perguntar se estava tudo bem, era frequente tentar levá-la a sair. Rui e Susana pareciam os pais dela, na hora das refeições certificaram-se que ela comida adequadamente. Susana muda-se para casa de Filipa, pensando assim ser o melhor após a saída de João para Londres. E por fim o seu amigo Duarte, do qual João morria de ciúmes, porque ele gostava dela, no entanto, ela parecia nem se importar com ele, estando constantemente à espera dela quando ela saia do emprego.

Filipa ganhava o salário mínimo de 700 €, mas pouco gastava. Pagava as contas normais da casa e sustentava o carro, o seu lindo Seat, que cobiçava desde que conhecera João, assim, ele

ofereceu-lhe como prenda de despedida. Para ela, aquele carro era como uma distração do seu medo de perder o seu amado para sempre. Os óbitos anunciados diariamente nas Notícias não assustavam Filipa, ela sabia que ele se encontrava bem. Inglaterra e a Irlanda, não teriam sido muito afetados pela enfermidade conhecida como ***"Sonho fatal"***. Quando falava com ele, não lhe podia tocar, mas sentia-se bem apenas ao ouvir a sua voz. Quando as comunicações foram cortadas e proibidas, parecia que ela teria morrido por dentro, sentia que não passava de uma carcaça que por ali andava e que o seu único motivo para viver era poder estar novamente João.

Filipa e Susana conheciam-se há doze anos e Susana sempre foi melhor amiga dela. As duas passaram por muito, Susana esteve sempre ao lado dela e vice-versa. Elas tinham a mesma idade, os mesmo gostos, incríveis lutadoras no que tocava à vida vencendo grande parte das vezes os obstáculos propostos pelo destino. Susana tinha cabelo e olhos castanhos com leves sardas nas maçãs do rosto, cabelo longo num castanho-claro, altura rondava os 160 cm e um pouco além da sensualidade transmitida pela sociedade. Licenciou-se em medicina e mesmo com emprego na área que queria, foi a primeira a dizer que iria trabalhar para o

Colombo para estar perto da amiga sempre que ela precisasse, mesmo ganhando menos de metade do que ganharia num hospital como pediatra. Ela sabia que tinha uma vida para manter a salvo e enquanto podia, faria o possível para tal.

Numa noite em que ambas fizeram fecharam as lojas, combinaram ir juntas para casa. Susana pediu para passar na sua mãe antes de irem.

Às 23h00, à hora de saída de Filipa, Duarte já estava na entrada da loja à espera dela. Duarte era um rapaz de poucas palavras, era dois anos mais novo que ela, ambos tinham a mesma cor de cabelo, porém Duarte tinha os olhos num azul mar, um corpo atlético, com 1,75 de altura, este estudava para pasteleiro num centro de formação, na Pontinha.

Filipa pouco se interessava pelo que quer que fosse, e apesar de estar aos olhos de todos o que ele sentia por ela, esta não queria saber. A sua atenção revertia-se para um único homem. Assim que a viu, ele dirigiu-se de imediato a ela.

- Olá, Pipa. - chamando-a pela alcunha.

Olá! - Responde um pouco animada.

— Estás bem?

— Estou ótima, olha vieste de mota? É que hoje vou levar a Susana a casa da mãe dela. O carro dela está na oficina. Depois vamos para casa, por isso, vai ser difícil levar-te, mas se quiseres podemos passar por tua casa, fica a caminho. - Disse ela procurando rapidamente o telemóvel da confusão que era a sua mala. Tristemente Duarte despediu-se e foi embora, pois sabia perfeitamente quando não era bem-vindo.

Filipa apesar da grande amizade que tinha com Susana, não se dava bem com a família desta, portanto, cada vez que Susana tinha de ir à casa da sua mãe, ela procurava ir visitar a sua família, visto morarem 5 minutos uma da outra.

Ela foi ter com a sua amiga à porta da loja, dado saber que cabia à Susana fechar a loja naquele dia.

— Finalmente! Via que íamos ficar aqui a noite toda a princesa.-Reclama Filipa com doçura.- Não é por nada, mas já começo a ficar um pouco farta deste centro.

— Hahahaha… Anda lá, antes que comeces a gozar comigo… Outra vez…-Diz Susana, com um pouco sarcasmo na sua voz.

— Gozar contigo? Eu? Nunca! — Responde com sarcasmo.- Apenas sou realista, qualquer dia aquela aranha come-te viva- Diz Filipa a rir-se. A loja de Susana tinha uma aranha gigante como enfeite. – A sério Susi, eu não sei como consegues, eu cá já me

tinha pisgado, fogo… Esta loja dá-me arrepios.- Diz Filipa olhando para trás em direção à loja.

Ao fazer este movimento, ela quase caiu, mas Micaela e Cláudio agarraram-na a tempo. Surpreendida ela pergunta:

— O que raio estão aqui a fazer?-Pressentido de imediato que a querem levar a algum bar ou a alguma discoteca para supostamente se distrair.

Na noite de passagem de ano, última que passaram com João, este pediu a Cláudio discretamente que tomasse conta de Filipa na sua ausência.

— Oláááá!- Diz Cláudio.

— Olá! — Responder Filipa, desconfiada.

— Então? Tudo bem com vocês? – Pergunta Micaela.

— Sim, está linda!- responde Susana abraçando a sua amiga.

— Então? Vamos?- pergunta subitamente Cláudio.

— Vamos a onde? A Susana tem que ir ver a mãe, por isso não podemos ir a lado nenhum.- Declara Filipa triunfante.

— Não tenho não, a minha mãe ligou-me a dizer que não estava em casa.- Responde Susana, com um sorriso no canto da boca.

— A sério? E esperaste até agora para me dizer? Espera… Eu já vos conheço... Sou mesmo parva, vocês já tinham tudo planeado, não é verdade?- Responde Filipa indignada.

— Calma, ó Pipa, apenas estamos preocupados. Fazemos assim, tu escolhes o que vamos fazer hoje, pode ser?- Diz Micaela preocupada com a reação da sua amiga.

— Não tenho alternativa, pois, não?

— Não!- Respondem em coro.

— Ok…- Acaba por concordar.

Assim, foram todos para casa de Filipa, lá ficaram a ver o anime: "*One Piece*". Pouco após terem iniciado aquela sessão de cinema caseira, as bebidas acabaram e coube a Filipa ir buscar mais.

Susana aproveitou para falar em privado com os amigos:

— Vocês sabiam que o João tem uma nova "melhor amiga"?-Diz ela fazendo o gesto de aspas com os dedos. - Parece que estão sempre juntos, ele assim deixa-me com ciúmes…-Ao terminar a frase, ouviram um estrondo vindo da entrada da sala, olharam para a direção da porta e viram Filipa perplexa olhando para eles com cacos de copos a sua frente, em segundos começou a chorar e o grupo percebeu de imediato que ela ouvira o que Susana dissera sobre João. Numa questão de poucos minutos Filipa saiu pela porta da rua deixando quase tudo para trás, levando consigo unicamente as chaves do carro.

Os amigos decidiram que o melhor era deixá-la ir, pois segui-la só iria piorar a situação, sendo assim, Filipa entrou no carro e conduziu até à Secundária Padre António Vieira, em Alvalade, onde dois grandes amigos dela concluíam o secundário à noite. Era quase meia-noite quando ela estacionou ao portão da entrada, contudo tinha quase a certeza que ainda haveria aulas a decorrer, por isso decidiu arriscar e esperar até que eles saíssem, trancou o carro deixando uma fresta da janela do condutor aberta para o ar poder circular pelo veículo, encostou a cabeça ao banco e tentou acalmar-se e pensar racionalmente.

— “É apenas uma amiga, tem calma. Pipa, não deve ser nada…”, "E se for mais que uma amizade? E se eu já for passado para ele? A culpa é minha!...”- pensa ela durante horas, até que acaba finalmente por adormecer de tanto chorar.

Deveria ser umas 6h30 da manhã quando Filipa acordou sobressaltada com gritos vindos da escola. Esta olhou pela janela e viu um grupo, provavelmente de umas dez pessoas a tentar forçar a entrada. Preocupada com quem gritava por socorro. Saiu do carro com o propósito de perceber melhor o que ocorria, quando começou a sentir um cheiro forte de carne putrificada. Foi difícil ela habituar-se ao forte odor, ainda assim, percebeu o que se passava, contudo, não acreditava no que os seus olhos mostravam-lhe. Todo

o país sabia que algo parecido poderia acontecer, porém, eram poucos os que acreditavam no que ouviam daqueles que conseguiam passar as fronteiras. Muitos achavam que seria loucura derivado ao enorme “stress”, ainda assim ao ver aquelas “pessoas” que tentavam entrar na escola, não conseguia acreditar que tudo aquilo a que chamara “desculpas do governo”, era realmente verdade. Após interiorizar aquilo tudo, ela volta à realidade e segue o som dos gritos, olhando para o edifício consegue ver pessoas a pedir socorro e a gritar de medo nas janelas dos corredores. No meio de mulheres de fato e homens assustados, Filipa reconhece os seus amigos com o olhar petrificado em direção das portas de vidro que dava acesso para o edifício. Apesar da distância ela conseguiu perceber o medo nos olhos deles e sem pensar sobre o assunto, entrou no carro e conduziu em direção ao portão de cargas e descargas que se situava na parte Este da escola, quando lá chegou o portão estava aberto, estacionou mesmo em frente às escadas que interligavam os andares do edifício A, e davam acesso ao exterior do edifício sendo esta a de saída de emergência. Arrombou a porta e fechou-a assim que entrou, procurou não fazer barulho e manter-se calma, pois, não sabia ao certo o que poderia chamar a atenção daquelas monstruosidades, correu escada acima e procurou os seus amigos, estavam muitas pessoas dentro do

edifício. Filipa procurou no piso 0 em todas as salas do edifício A, mas sem sucesso, por isso continuou a sua busca e subiu em direção ao 1.º piso, rapidamente os encontrou logo nas primeiras salas em que entrou. Naquela sala, para além dos seus amigos, Melissa e o seu namorado Afonso, estava também um senhor de grande porte, de cor, do qual não conhecia, ainda assim parecia-lhe familiar. Assim que Filipa entrou, trancaram a porta. Pelo que pareceu, uma das mulheres que se encontrava na escola começou a gritar, o que levou com que as criaturas se enfurecessem ou até mesmo se excitassem com os gritos que ecoavam por toda a escola, e com a pressão feita dos corpos em êxtase, os vidros duplos que constituíam as portas cederam, fazendo assim com que eles entrassem no edifício. Numa questão de 1 hora a escola estava infestada por aquelas criaturas. Ninguém sabia de onde eles apareceram nem se interessavam em saber, apenas queriam sair daquele “pesadelo” com vida. Naquela sala onde Filipa e os seus amigos estavam refugiados, juntaram-se mais pessoas, cinco no total, duas mulheres uma com uns 35 anos, provavelmente professora, pois, estava razoavelmente bem vestida com um fato completo, a outra rondava a mesma idade que Melissa, com os seus 19 anos, depois havia dois rapazes com mais ou menos com 25 anos, possivelmente estudantes e por fim um homem quarentão

que ela conhecia como segurança da escola. No tempo em que permaneceram escondidos, aos poucos se instalava o silêncio pelos corredores, o porquê era óbvio.

Esta ausência de gritos e choros fez o contrário do que Filipa desejava, assustou-os ainda mais. Exausta e assustada, apenas pensava em João, na sua família e nos seus amigos, ao olhar pela janela viu inúmeros corpos sem vida no chão, rodeados por charcos de sangue dando-lhe assim coragem e determinação suficiente para sair daquele lugar.

Rapidamente Filipa lembrou-se que estavam no 1.º piso e que este tinha uma ponte que ligava o edifício A, ao edifício B, onde ficavam os laboratórios. Filipa já lá tinha estudado durante 4 anos e devido a isso ela conhecia aquela escola como conhecia a sua casa.

— Eu não aguento mais, não sei de onde eles vieram, apenas sei que eu aqui não fico! Tenho o meu carro lá em baixo, mesmo em frente às escadas de emergência, podemos ir pelo lado B, reparei que este estava trancado quando entrei, deve continuar assim. Quem quer vir comigo?

— Estás maluca rapariga? Estas coisas vão-te matar! Eu não arrisco!- Responde, Helena, a mulher de 35 anos que fazia parte da